

Crer e Aprender

Hans-Jürgen Fraas

Aprender faz parte da essência do ser humano. O ser humano se distingue de outros seres vivos pelo fato de seu sistema de instintos apresentar lacunas: os animais, p. ex., via de regra não matam outros da mesma espécie; seu instinto os impede de fazê-lo. O sistema de instintos fixa o animal firmemente em seu meio ambiente — das cores, formas, cheiros, etc. ele só percebe o que é diretamente importante para sua existência.

No caso do ser humano fala-se, pelo contrário, de “abertura para o mundo”: o ser humano não está fixado firmemente em seu meio ambiente, mas é livre em relação a ele, tem uma relação aberta com ele. Por isso o ser humano é *carente* de aprendizado: precisa adquirir, num processo de aprendizagem, o que lhe falta por natureza. Ao passo que a natureza se impõe por si (o cãozinho recém-nascido cresce e torna-se forçosamente um cão, o gatinho se torna um gato, etc.), o ser humano é diferente: ele precisa primeiro tornar-se o que está destinado a ser.

O ser humano, porém, também é *capaz* de aprender: pode mudar a si mesmo, e pode mudar também seu meio ambiente, pois não está passivamente à mercê dele. O ser humano, portanto, aprende de modo diferente do animal: o animal “aprende” a usar seus instintos pelo exercício; o ser humano, porém, aprende mais, aprende coisas novas, aprende justamente aquilo que não, lhe está dado pelos instintos.

Isso faz do ser humano um ser de cultura. O recém-nascido precisa crescer para dentro dessa cultura, entrosar-se nela pelo aprendizado — falamos então de “*enculturação*” ou, em sentido mais estrito, de educação. Ao comportamento de aprendizado da criança corresponde o comportamento de educação dos adultos — as gerações dependem uma da outra.

Assim, é espantoso o que uma pessoa tem que aprender desde o nascimento até entrar na idade adulta. Outrora o alvo estava essencialmente alcançado quando o jovem se tornava adulto, tinha uma profissão e fundava uma família. Hoje, porém, isso não basta mais: por causa das rápidas mudanças tecnológicas e (ligadas a elas) sociais, dos sistemas de comunicação em escala mundial, dos entrelaçamentos econômicos e dependências internacionais, o ser humano precisa aprender durante a vida toda. Precisa estar constantemente em formação complementar, familiarizar-se com novas tecnologias; eventualmente precisa trocar de profissão várias vezes durante a vida. Precisa assimilar novas descobertas que conformam a vida cotidiana, digerir as mudanças sociais delas resultantes, etc.

Estamos de modo geral conscientes de que as pessoas nunca tiveram que aprender tanto quanto em nossa época.

Aprender significa envolver-se com coisas novas. Quando a criança pequena aprende a caminhar, ela ganha novos espaços, amplia seu espaço vital, faz novas experiências. Envolver-se com coisas novas significa sempre ultrapassar os limites até então existentes. Assim o ser humano amplia e corrige constantemente sua respectiva posição de vida. Isso é um processo ativo: ser atingido por um golpe do destino em que não se pode mudar nada paralisa a capacidade de aprender: então ficamos impotentes por causa da tristeza, da raiva ou da decepção. Ao aprendermos, estamos ativos: aprendendo eu crio meu mundo.

Esse aprender tem um lado exterior e um lado interior. O lado exterior consiste no fato de que aprendo isto ou aquilo: a escrever e ler, andar de bicicleta, nadar ou tocar piano. O lado interior consiste no fato de que em tudo isso realizo ao mesmo tempo a mim mesmo: sou eu que faz tudo isso. Ao aprender isto e aquilo, aprendo com isso ao mesmo tempo a ser eu mesmo.

As exigências colocadas por nossa época são vivenciadas por muitas pessoas como exigências excessivas. Essas pessoas não conseguem acompanhar o ritmo, acabam perdendo a si mesmas. A exigência excessiva acarreta doenças físicas e psíquicas, estresse, depressão, perigo de dependência química, desamparo ou abandono, etc. Na Alemanha o problema se coloca de modo particularmente duro para as pessoas nos novos estados da Federação, que de um dia para o outro tiveram que aprender a se orientar num outro sistema social, num outro sistema econômico; são pessoas cujos ramos de atividade profissional progressos sofreram um colapso da noite para o dia, cujo estilo de vida progresso tornou-se impopular da noite para o dia.

Aprender significa envolver-se com coisas novas, significa partir para outra, significa ousar a aventura. Nesse sentido o aprendizado é uma exigência. O pressuposto para essa exigência é a confiança: quando a criança pequena aprende a caminhar, ela só consegue dar os primeiros passos enquanto caminhar na direção dos braços abertos da mãe ou do pai. A confiança se fundamenta na experiência de ser amparado ou apoiado. Dessa experiência surge a confiança no mundo, nas próprias capacidades e no sucesso. Isso significa, ao mesmo tempo, que vale a pena aprender. Para a criança pequena isso significa a confiança de que a vida tem sentido: "Vale a pena viver".

Se uma criança pequena não fizer a experiência de ser amparada ou apoiada, ela não se tornará capaz de aprender. Isso também se aplica à juventude: se o jovem vai ao encontro do desemprego que o ameaça, ele não desenvolve motivação para aprender na escola ou no curso profissionalizante. Então não devemos nos queixar da juventude, mas perguntar pelas razões de tal atitude. Os crescentes distúrbios e inibições de aprendizado em nossos jovens são características disso.

A confiança é, portanto, a resposta à experiência de ser amparado ou apoiado

que se vivencia socialmente. Essa confiança, porém, aponta para além das experiências sociais, aponta para a totalidade da vida, para o sentido da vida. Por isso E. Erikson a chama de “confiança primordial”, *basic trust*, e J. Fowler a chama de fé vital. Ambos os termos remetem ao âmbito religioso. Um bom exemplo desse ultrapassar é oferecido por P. Berger em seu livro *Um Rumor de Anjos*. Ele descreve a cena em que a mãe pega no colo a criança que está chorando e a consola dizendo: “Está tudo bem.” Berger pergunta o que a mãe faz nesse momento. Do ponto de vista social ela faz o que é normal e correto: ela é solícita com a criança, e mais do que isso a criança nem procura. Mas a rigor isso ainda não é uma resposta suficiente. Levando a cena bem a sério, é preciso dizer: ou a mãe está mentindo ao dizer aquelas palavras, ou então está fazendo uma afirmação de fé. Pois que “tudo” esteja bem é algo que só se pode dizer na fé, antecipando uma salvação abrangente que não é realidade, ainda não é realidade. Para a criança nesse momento a solicitude da mãe é plenamente suficiente. Imaginemo-nos, porém, por um momento a sombria situação de que a cena se desenrola num abrigo antiaéreo no qual cai uma bomba no momento seguinte.

Quando encorajamos as crianças para a vida e o aprendizado, damos-lhes um cheque em branco que não temos condições de garantir que terá fundos. Se me for permitido ficar nessa imagem, eu diria que só Deus pode cobrir esse cheque. Agimos, portanto, na confiança consciente ou, talvez mais freqüentemente, inconsciente de que Deus vai cumprir nossas promessas e justificar nossas palavras e ações — também isso é fé na justificação!

Portanto, todo aprendizado baseia-se na confiança, e a confiança remete a pressupostos pré-rationais. Por isso não é possível que haja uma educação neutra em termos de cosmovisão e um aprendizado neutro em termos de cosmovisão. A exigência de aprender só é suportável quando fundamentada na base socialmente comunicada da confiança primordial; esta, porém, ultrapassa em muito todas as nossas atividades próprias. O fato de que os adultos sejam religiosos ou não — sua própria atitude de vida, sua “fé vital” condiciona o clima de aprendizado no qual as crianças se desenvolvem.

O aprendizado visa a auto-realização. Entretanto, também existem processos de aprendizagem com determinantes negativos, processos de aprendizagem baseados em confiança frustrada, confiança em personalidades, em objetos ou em capacidades próprias que termina em fiasco e da qual resulta desconfiança para o futuro. Cada um de nós também faz esta experiência. Ela se torna problemática quando suplanta as experiências positivas.

O ser humano também aprende com decepções, mas justamente *não* a envolver-se com coisas novas, *não* a auto-realizar-se, mas, pelo contrário, a se proteger ou isolar, a se retirar para sua concha de caracol. Essa tendência ainda é intensificada quando ocorre abuso deliberado da confiança. O abuso da confiança das pessoas pode acontecer em relacionamentos interpessoais, mas também em sistemas sociais. Na Alemanha, depois de 1945, em muitas pessoas que tinham

apostado esperançosamente em Hitler em 1933 não predominava a tendência de corrigir ou expiar seus próprios erros, p. ex., mas sim a tendência de, a partir daí, dispensar-se de modo inteiramente passivo de todas as questões políticas. Isso é a perversão do aprendizado: aprender a não aprender (não se envolver com nada novo, não transcender a própria situação).

Essa inversão do aprendizado é possível por causa da diferença entre o lado exterior e o lado interior da aprendizagem: aprender é ao mesmo tempo o pressuposto da sobrevivência exterior (já a criança pequena morreria de fome logo se não aprendesse a interagir com seu meio ambiente). E aprender é ao mesmo tempo o pressuposto da auto-realização. Normalmente ambas as tendências coincidem. O conflito surge quando elas se dissociam: então a aprendizagem a serviço da sobrevivência significa adaptação a circunstâncias exteriores nas quais o ser humano perde a si mesmo, enquanto que, inversamente, a auto-realização da pessoa coloca em risco sua sobrevivência (E. Lange). Esse conflito se dá em sistemas totalitários: se mantenho minha vida, perco meu sentimento de auto-estima, converto-me em traidor de meus ideais, me vendo. Se, porém, me aferro a meu sentimento de auto-estima, coloco em risco minha vida. A superação desse antagonismo só é possível confiando na promessa de que a consumação de nossa vida está em Deus.

Voltemos à idéia da qual partimos: aprender significa envolver-se com coisas novas. Essa exigência de aprendizado torna-se insuportável se ninguém é portador da certeza de que também aquilo que fui até agora não era sem sentido e de que não perderei minha identidade com o novo. Pois a exigência de aprendizado também significa sempre: não permitimos que você seja assim como é; queremos que você se torne diferente através do aprendizado. Mas como reagirão a longo prazo pessoas às quais se tem que negar a vida inteira o reconhecimento de seu jeito de ser, que sempre têm que ser ou tornar-se diferentes do que realmente são? Muitas vezes a pessoa recorre então à mentira de vida: não admite a verdadeira situação, entrincheira-se atrás de um ideal que não pode ser sustentado.

A partir disso temos dificuldades cada vez maiores de mudar pelo aprendizado quanto mais velhos ficamos: é-me mais fácil aceitar o fato de que vivi minha vida erradamente até agora se ainda me resta tempo de começar uma nova vida. Se esse tempo de vida não me estiver mais dado, tenderei a apegar-me ao velho. Por fim, torna-se compreensível a partir disso que no âmbito religioso as pessoas tendam a agarrar-se persistentemente a noções de fé ou formas de vida existentes e a rejeitar inovações. Pois das noções de fé depende em grau particularmente acentuado o sentido da vida. Estou mais rapidamente disposto a mudar coisas que não são importantes para mim do que a mudar as que me são importantes.

O aprendizado radical ou abrangente pressupõe, conseqüentemente, uma confiança radical ou abrangente.

A forma mais radical de aprendizado é o autoquestionamento total, a conversão, ou, como diz a fé, a penitência. Essa conversão se torna possível quando

não fundamento mais minha identidade naquilo que realizei ou fui até agora, mas em Deus: Pela graça de Deus sou o que sou (1 Co 15.10) — Não eu, mas Cristo em mim (Gl 2.20).

É o motivo do êxodo da Bíblia que nos conclama a abandonar inteiramente o que foi até agora e a abrir-nos completamente ao novo confiando de modo radical na proximidade de Deus. O jovem rico em Mc 10.17 não conseguiu dar esse passo. Se tivesse confiado mais, provavelmente teria podido mudar aprendendo.

Pois, assim como todo aprendizado pressupõe confiança e, por conseguinte, fé, também a fé, por sua vez, acarreta aprendizado. Parto da premissa de que a fé é aquilo que o Espírito Santo realiza no ser humano: a própria fé é indisponível para o ser humano; ela surge no encontro com Deus. Portanto, não podemos produzir ou transmitir fé a nosso bel-prazer. “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele...” A fé é expressão de uma relação que é criada por Deus, através de seu chamado — ele chama para fora da situação reinante até agora e abre uma nova situação. Nesse sentido a fé é partida e aventura: Is 43.1: “Chamei-te pelo teu nome” — Êx 20.2: “Eu te tirei da terra do Egito”. Isso poderia ser mostrado pormenorizadamente nas figuras de Abraão, Samuel, Moisés, Jeremias, na pescaria de Pedro: através do encontro com Deus o ser humano entra numa nova situação, novos horizontes se lhe abrem. O ser humano crê no momento em que se envolve confiadamente com a nova situação, quando se abre a ela. Isso, porém, é um processo de aprendizagem.

O processo de aprendizagem na fé faz com que a pessoa mude. A fé produz frutos, obras; manifesta-se no comportamento. Sob o chamado de Deus a pessoa começa a mudar sua vida. Assim a fé entra no comportamento humano, mas sem ser absorvida por ele. Como envolvimento confiante com Deus como o fundamento não-alcançável do ser e, por conseguinte, como o que vem ao nosso encontro, o futuro, o novo, a fé é a condição e motivação do aprendizado, e o aprendizado é a fé tomando forma.

Deus é o poder do futuro. Nesse sentido a fé cristã não é conservadora, não está orientada pelo passado. A Igreja deve preservar a tradição, a tradição de Jesus. Mas o conteúdo da tradição, o conteúdo do que deve ser preservado é a exigência de conversão, o anúncio do senhorio de Deus, a antecipação de coisas novas: quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus. Diante da entrada do paraíso está o anjo com a espada flamejante. Não existe volta; só existe um para diante. A mulher de Ló, que olha para trás, fica petrificada, virando estátua de sal.

Exigência intensificada de aprendizado pressupõe capacidade intensificada de fé. O problema da modernidade, porém, consiste no fato de que a exigência intensificada de aprendizado está em conexão com a diminuição da fé. É de se perguntar se as pessoas conseguem passar indenes pelos processos de aprendizado e mudança que lhes são exigidos sem uma vinculação de fé correspondentemente profunda. Em outras palavras: justamente o ser humano que vive na civilização

técnico-científica e na secularização necessita da fé em grau especialmente elevado.

Ora, se o ser humano moderno necessita da fé em grau especialmente elevado, porque sua auto-realização está muito mais questionada do que antigamente, porque se espera dele e se pressupõe muito mais auto-renúncia ou autodespojamento, então disso resulta uma tarefa para nós: a tarefa de pregação da Igreja, a tarefa de testemunho dos cristãos. O que podemos fazer para comunicar às pessoas o apoio da fé, tão necessário para elas, a radicação na fé?

Perguntaram certa vez a Cirilo de Jerusalém (cerca de 300 d.C.) o que ele faria com uma pessoa que gostaria de chegar a crer, e ele respondeu: “Faço com que ela more um ano em minha casa.” Creio que com isso a rigor está dito tudo que é essencial. A fé é um processo integral, e a comunicação da fé (no que diz respeito ao lado humano) acontece em processos vitais integrais. Ela ocorre essencialmente através de pessoas e comunidades que são dignas de confiança e nas formas de vida delas.

A fé se reflete em formas de vida: no comportamento social, no comportamento cívico, em sistemas de saber, em estruturas sociais. É verdade que todas elas não são a própria fé (posso ir à igreja, posso orar, posso ser solidário com as outras pessoas, posso me engajar socialmente sem ter um relacionamento pessoal com Deus), mas só podemos apreender a fé nas formas que ela própria assume: formas de vida que determinam, influenciam, conformam nossa vida.

Nesse sentido pode-se falar de um aprendizado da fé: levar pessoas para dentro da fé vivida. Se quero fazer com que uma pessoa se entusiasme com a música, não faz sentido explicar-lhe os instrumentos musicais e discutir com ela sobre o ensinamento da harmonia — preciso levá-la junto a um concerto, fazer com que ela cante e toque música junto com outras pessoas.

O elemento fundamental desse aprendizado é a ação comum ou coletiva. As crianças pequenas aprendem a portar-se no mundo imitando seus pais. Isso se aplica não só ao comportamento artesanal, mas também ao comportamento social, e igualmente à oração ou à ida à igreja, p. ex. Uma pergunta que se coloca para nós, luteranos, é: que possibilidades temos de dar à nossa fé uma expressão atuante? Não basta dizer que a fé é uma questão do coração e da interioridade. Para os católicos e ortodoxos isso é natural em medida muito maior, porém o ajoelhar-se na igreja, p. ex., ou o sinal da cruz como gesto de bênção de modo algum são não-evangélicos. Assim, expressões da fé podem tornar-se (talvez novamente?) um bom hábito. Hoje em dia não receamos acostumar as crianças tão cedo quanto possível e bastante rigorosamente a cuidar de seu corpo, p. ex. a escovar os dentes e lavar as mãos. No entanto, temos um receio considerável de tratar com a mesma diligência o cuidado da alma. Aí se ouve de repente o argumento de que é preciso dar liberdade às crianças, que não se deve forçá-las, etc. As crianças, porém, não se sentem coagidas quando se faz com que participem daquilo que os adultos fazem convincentemente.

Por isso o segundo elemento importante do aprendizado é o sentimento. Temos aí primeiramente o sentimento social: se os pais fazem as crianças participar da vida religiosa deles, isso é muito importante para elas, mesmo que não entendam tudo o que acontece aí. Inversamente, o culto infantil pode ser algo muito importante; mas se as crianças percebem que seus pais só as entregam lá sem participação interior, então isso tem um efeito muito ruim. Também a atmosfera na igreja é muito importante para a pessoa: poder sentir-se em casa nela, saber orientar-se, sentir-se atingido pelas imagens, cores, formas e cheiros. É importante a atmosfera ou o clima em que se desenrola a vida de fé: na atmosfera de uma compreensão resignativa de pecado ou na esperança e alegria escatológica, o que também tem que se expressar exteriormente, indo até o caráter festivo do culto e incluindo as vestes litúrgicas do celebrante.

É importante poder apropriar-se, tão cedo quanto possível na vida, pelo menos de elementos de construção: símbolos, ditos ou palavras bíblicas avulsas, breves formulações litúrgicas, gestos (a mão que abençoa, p. ex.), uma linha de um hino — elementos que consigam sustentar a pessoa também nas fases áridas de sua vida religiosa e que talvez tenham um importante efeito de reconhecimento quando uma pessoa, depois de décadas de afastamento, com 50 ou 60 anos busca uma nova relação com a Igreja ou mesmo quando apenas um sepultamento eclesiástico do qual a pessoa participa por obrigação evoca nela lembranças familiares da infância.

Mas não podemos nos dar por satisfeitos com isso, pois o ser humano é um ser pensante, e a fé atinge a pessoa toda. O terceiro elemento do aprendizado é, por isso, o cognitivo. Ainda assim, o ensino, a instrução e a prédica sozinhas dificilmente são eficazes se não repousam sobre a vivência integral. O que inicialmente era algo dado de antemão precisa converter-se em tarefa — ao passo que no início se fazia com que a criança simplesmente participasse junto com os adultos, o jovem adulto precisa desenvolver iniciativa própria, precisa envolver-se conscientemente com as formas de vida da fé, as levar adiante e eventualmente também mudar. Isso, porém, não muda a percepção de que o pensar está inserido no agir; portanto, que ofertas de formação com o objetivo de exercer a reflexão crítica e a forma de vida litúrgica praticada em conjunto não se excluem, mas, pelo contrário, se condicionam mutuamente.

As pessoas precisam ter a possibilidade de vivenciar as manifestações da fé. O ensino religioso, p. ex., está literalmente pendurado no ar se não está em alguma relação com uma comunidade, isto é, um grupo de pessoas que vivem como cristãos. Por isso a educação cristã na escola se amplia, tornando-se educação da comunidade; por isso falamos da concatenação das várias tarefas da Igreja.

Concatenação significa conexão horizontal e vertical de ofertas ou engajamentos. Com o termo “conexão horizontal” quero dizer que a coexistência de ofertas de aprendizado e de vida na comunidade precisa ser conectada de modo a tornar-se uma convivência. Na Alemanha muitas vezes o trabalho com crianças, o

com jovens, o com homens e mulheres, o trabalho com idosos, etc. são feitos um ao lado do outro em completo isolamento. Aqui é importante desenvolver formas sociais nas quais, p. ex., o grupo de idosos da comunidade assuma uma função de avós para as crianças do jardim de infância, os jovens toquem música no asilo de idosos, os jovens adultos organizem um serviço de visitação, etc. Justamente quando a estrutura tradicional da família está questionada, a *família Dei* se oferece como uma alternativa que pode adquirir uma relevância de vivência social inteiramente nova.

Com o termo “conexão vertical” quero dizer que uma pessoa, no curso de sua biografia, percorre todos esses diversos grupos. A conexão pode consistir numa sobreposição pessoal: em pessoas que me acompanham por diversos períodos da vida. Mas ela também se refere ao efeito de reconhecimento mencionado acima frente a determinados elementos da fé, componentes da liturgia, palavras, símbolos, etc. que precisam estar presentes em todas as ofertas da Igreja para as diversas fases da vida.

Acresce-se a isso um último fator: a conexão entre elementos cúlticos e éticos. A fé cristã pode ser caracterizada como uma forma social (uma forma de comunicação) determinada, à qual está presente de modo simbólico seu nexo de origem. Refiro-me aqui ao amor ao próximo: Amemos, acolham uns aos outros. Mas essa forma de lidar uns com os outros está fundamentada na história de Jesus: ele nos amou primeiro. Em minha comunidade natal se realiza, num domingo por mês, uma refeição (misto de café da manhã e almoço) para os sem-teto. Se voltarmos a celebrar a Santa Ceia como a comunidade primitiva, a saber, como refeição para saciar os pobres e famintos, mas ligada com o sacramento como presentificação e asseguramento de que podemos aceitar uns aos outros porque ele nos aceitou, estaremos a caminho disso.

Vejo um perigo em nossa Igreja alemã: o perigo de que ambos os elementos sejam dissociados. Para uns a Igreja é política demais; para outros, não é política o suficiente. Para uns ela é litúrgica demais; para outros, não é litúrgica o suficiente. Com razão se exige hoje mais espiritualidade de nossa prática religiosa, mas sem que isso deva levar a uma redução do engajamento político-social. Segundo a autocompreensão da fé cristã, isso não é uma alternativa, também não uma mera adição, mas uma relação mútua indissolúvel. Ofertas de aprendizado baseiam-se em ofertas de vida. A fé muda nossa vida, nos desafia a mudar nosso modo de pensar, mudar nossa orientação.

Nesse sentido a pergunta que se coloca não é se a fé cristã ainda tem futuro. Antes, é a fé que abre futuro. A pergunta que se coloca, então, é se nós, se nosso mundo, se nossa sociedade tem futuro, se estamos dispostos a nos envolver confiantemente com essa fé.